

Língua e fala: conceitos produtivos de teorias enunciativas

Leci Borges Barbisan*



Resumo – Este trabalho se propõe a trazer algumas reflexões sobre os conceitos saussurianos de *língua* e *fala*, que se acredita constituírem, embora de modos distintos, a base das teorias enunciativas de Émile Benveniste e de Oswald Ducrot. Parte-se das definições da oposição saussuriana entre esses conceitos, focalizando a prioridade concedida metodologicamente à *língua* que, atendendo às exigências de unidade e classificação, foi tomada como objeto de estudo da ciência lingüística. Analisam-se a seguir três artigos de Benveniste (1962, 1966 e 1970), procurando mostrar como, definindo a *língua* como *sistema de signos* (não na oposição entre *língua* e *fala*), a partir da noção de níveis de análise, chega-se ao *sentido* e ao *discurso*, embora sob a forma de duas lingüísticas distintas e como, em 1970, com o *aparelho formal da enunciação*, se pode afirmar a articulação teórica entre ambas. Tomando, a seguir, alguns textos escritos por Ducrot, observa-se que *língua* e *fala* são entendidos do ponto de vista metodológico respectivamente como conjunto de construções teóricas e como dados observáveis que se articulam, resultando em uma teoria que parte do pressuposto de que a argumentação está inscrita na *língua*.

Introdução

A percepção de que a linguagem é *um todo multiforme* (p. 17) e a preocupação em construir os princípios da ciência lingüística que necessitava definir um objeto único e autônomo para análise fizeram com que o conceito de *língua* se tornasse o ponto de partida das reflexões saussurianas contidas no *Curso de lingüística geral* (CLG).

Neste estudo, toma-se como pressuposto que a definição de *linguagem*, sob seus dois aspectos, o de *língua* e o de *fala*, que fun-

* Pós-Graduação em Letras da PUCRS.
e-mail: barbisani@pucrs.br

damentaram a teoria estruturalista saussuriana, foi também produtiva – embora reinterpretada, modificada, alargada – de teorias enunciativas como aquelas criadas por Émile Benveniste e por Oswald Ducrot.

Essa proposta é desenvolvida em três etapas. Inicialmente são resgatados e analisados os conceitos saussurianos de *língua* e de *fala*. A seguir, procura-se entender como essas noções estão estruturadas na teoria enunciativa de Benveniste, para, num terceiro momento, avaliar a importância que *língua* e *fala* assumem na Teoria da Argumentação na Língua de Oswald Ducrot.

1 *Língua e fala na teoria saussuriana*

São muito conhecidos e têm sido bastante discutidos esses conceitos para que se possa aqui dizer algo novo. O que se pretende é lembrá-los para o desenvolvimento de algumas reflexões.

No capítulo do CLG,¹ intitulado *Objeto da Lingüística*, Saussure parte do fato de que, diferentemente de outras ciências, que têm objetos previamente estabelecidos, na Lingüística isso não ocorre, já que a linguagem se apresenta ao pesquisador com faces diferentes: como som, como idéia, como estrutura sintática, etc. Na Lingüística, o objeto não preexiste à teoria com a qual ele vai ser analisado. Ao contrário, é a partir de um ponto de vista que o objeto deve ser construído.

Encontrando, então, na linguagem um “aglomerado confuso de coisas heteróclitas” que, além de poder ser analisado lingüisticamente de diferentes ângulos, está “a cavaleiro de diferentes domínios” (p. 17), tais como a Psicologia, a Antropologia, a Gramática normativa, a Filologia, etc., e, no esforço para fundamentar uma ciência da Lingüística, e, conseqüentemente para definir um objeto como um todo em si e como princípio de classificação, Saussure propõe a *língua* como objeto da Lingüística. Está assim recortado, construído o dado para análise, norma para todas as manifestações da linguagem, fundamentado num ponto de vista.

Vários argumentos apóiam esse ponto de vista no CLG: a *língua* tem definição autônoma, é vista como sistema, é norma para todas as manifestações da linguagem, portanto, pode ser estudada cientificamente. A *língua* é só uma parte da linguagem, é seu produto social e, como tal, é compartilhada pela comunidade de fala por meio de um contrato que se estabelece entre seus membros; é

¹ Não serão consideradas aqui as várias releituras do CLG que foram feitas à luz de manuscritos, durante a segunda metade do século XX.

“o produto que o indivíduo registra passivamente” (p. 22) por aprendizagem.

A *fala* – o outro aspecto da linguagem – é a utilização da *língua*, sua parte individual, de caráter criador e livre. É o acessório, o acidental da linguagem. Assim sendo, a *fala* não pode ser o objeto próprio da Lingüística, que deve se ocupar do estável, do geral, isto é, da *língua*, porque esta é homogênea, porque faz a unidade da linguagem. A *fala* se subordina à *língua*.

A *língua* pode ser estudada separadamente, mas *língua* e *fala* são estreitamente relacionados: a *língua* é necessária para a *fala* inteligível, e a *fala* é necessária para o estudo da *língua*. A *fala* vem antes, faz evoluir a *língua*. Há interdependência entre elas. Mas não se poderia reunir, sob o mesmo ponto de vista a *língua* e a *fala*, explica Saussure, para quem cada uma é uma lingüística.

Ao se ler o capítulo III (*Objeto da Lingüística*) da Introdução do CLG, observa-se que a distinção entre *língua* e *fala* apresenta propósitos bem definidos: (1) o de mostrar sua intenção de instituir uma ciência da linguagem; (2) o de enfatizar a necessidade de definição de um objeto único e classificável para essa ciência; (3) o de defender sua tese de que esse objeto é criado a partir de um ponto de vista; (4) o de demonstrar, apoiado em vários argumentos, que esse objeto só pode ser a *língua* como é por ele entendida.

Partindo-se dos conceitos saussurianos de *língua* e *fala*, como foram propostos por Saussure, quer-se discutir inicialmente se a Teoria da Enunciação de Benveniste neles se ancora.

2 *Língua e fala na teoria enunciativa de Benveniste*

Para tratar desse tema, vão ser referidos apenas três momentos do percurso teórico de Benveniste: 1962, 1966 e 1970.

Sendo estruturalista a Teoria da Enunciação criada por Benveniste, pode-se pensar que *forma* e *sentido* são um espelho das relações *língua/fala*, estabelecidos por Saussure. Ao se abordar o capítulo de 1966 de *Problemas de lingüística geral*, volume 2, que analisa detidamente *forma* e *sentido*, percebe-se o engano. Para se tratar dessa questão, é necessário retomar os conceitos expostos por Benveniste em 1962, no artigo *Os níveis da análise lingüística*, volume 1.

Nesse artigo, de 1962, Benveniste apresenta a visão de sua época para a definição do fato lingüístico: descrever a linguagem como *sistema orgânico de signos lingüísticos* (p. 119), cujos elementos se delimitam através das *relações* que os unem, tanto no eixo sintagmático quanto no eixo paradigmático. A *língua* compreendida

assim em diferentes níveis hierarquicamente constituídos: os fonemas, seus traços distintivos, a palavra, a frase. As unidades lingüísticas admitem relação com elementos de mesmo nível (relações distribucionais) e com elementos de níveis diferentes (relações integrativas). Esses dois tipos de relação são justificados pelo fato de que um signo é função dos elementos que o constituem e o único meio de definir esses elementos como constitutivos é pela função integrativa. Então, essas duas relações são interdependentes, já que uma unidade só é distintiva se for integrante do nível superior. O nível mais alto é o da *frase*, e o inferior é o dos *merismas*. Assim, a *frase* só se define por seus constituintes. Mas, se pergunta Benveniste, que função se atribui à distinção entre constituinte e integrante? “Pensamos encontrar aí o princípio racional que governa, nas unidades dos diferentes níveis, a relação da forma e do sentido” (1962, p. 126). O nível da dissociação da unidade em constituintes de nível inferior corresponde à forma; o da integração dessa unidade em um nível superior leva às unidades significantes.

Com essa afirmação, Benveniste retorna à questão da Lingüística de sua época que é por ele colocada no início do capítulo: a necessidade de descrever a língua como estrutura formal, associada à construção do método para a definição do objeto. Com sua proposta, Benveniste introduz na análise formal o *sentido* que o método distribucional procurou evitar. “Forma e sentido só se definem um pelo outro e devem juntos se articular em toda a extensão da língua” (1962, p. 126). O sentido é a capacidade de uma unidade de integrar o nível superior.

A *frase*, como último nível da análise, não se integra em outro mais alto. Como tal, define Benveniste, “é a própria vida da linguagem em ação” (1962, p. 129). Com ela entra-se em um domínio novo: deixa-se o domínio da língua como sistema e chega-se ao da língua como instrumento de comunicação, expresso pelo discurso. Essa afirmação encontra justificativa em dois fatos: (1) o de que a frase, além de sentido, tem também referência à situação em que se inscreve, o que fundamenta a comunicação; (2) a de que as três modalidades de *frase* (assertiva, interrogativa e imperativa) refletem a atitude do falante em relação a seu interlocutor.

Algumas observações podem ser feitas em decorrência dessa colocação. A primeira é a de que, enquanto Saussure, em termos metodológicos prioriza o estudo da *língua* em detrimento da *fala*, recortando-a como único objeto possível de análise, Benveniste, partindo da análise da *língua* enquanto forma, atribui um lugar especial ao *sentido* e chega ao *discurso* (“aí começa a linguagem”, escreve ele em 1962, p. 131). Outra observação é a de que a preo-

cupação de Benveniste, nesse momento, assim como a de Saussure, é metodológica, e ambos se situam em relação aos estudos lingüísticos da época em que viveram, questionando-os. Saussure, procurando encontrar na *língua* conceitos para defini-la como objeto único de estudo; Benveniste, contrastando com a Lingüística centrada na *forma*, traz de volta o *sentido* e, com base em uma metodologia de análise da forma, estabelece um novo domínio: o do *discurso*. Uma última observação é a de que ambos concebem duas lingüísticas separadas, embora *seus caminhos* (o das lingüísticas) *se cruzem* (1962, p. 130), como escreve Benveniste.

Mas esse é apenas um momento da reflexão de Benveniste. A questão da *forma* e do *sentido* na linguagem é retomada em artigo de 1966, no segundo volume de *Problemas de lingüística geral*. Benveniste volta a falar do abandono, em sua época, do estudo do *sentido*, mencionando lingüistas que tratavam desse estudo com certo desprezo, taxando-o de “mentalista”. O problema é, assim, recolocado em contexto semelhante ao do artigo de 1962.

A pergunta inicial que ele se faz nesse artigo é: o que é significação? Mostrando que a linguagem é a atividade significativa por excelência, Benveniste afirma que a significação não é algo acrescentado à *língua*; ao contrário, é seu próprio ser. Mas a *língua* tem também um caráter diferente, o de sua realização por meios fônicos, subordinado ao *sentido*. Concordando com Saussure, ele continuará a definir a *língua* como um sistema de signos, mas indo além de Saussure. O signo como unidade semiótica deve ser entendido do ponto de vista da *forma* e do *sentido*, já que é constituído de um *significante* e de um *significado*. O *significante*, explica Benveniste, é o aspecto formal do signo, é a “forma sonora que condiciona e determina o significado” (p. 220). A significação do signo é definida pela comunidade de fala. “É no uso da língua que um signo tem existência” (p. 222). Então, tudo o que se relaciona ao semiótico pode ser identificado *no seio e no uso da língua*. Semiótico é intralingüístico. *Ser distintivo*, num signo, é *ser significativo*.

Benveniste retoma *frase*, função comunicativa da *língua*, e entende que *signo* e *frase* têm descrições distintas. Na *língua* há o *sentido* e a *forma*, o *semântico* e o *semiótico*, as funções de comunicar e de significar. O *semântico* é a língua em uso, descrição e raciocínio, não mais o significado do signo, mas do intencionado. Há mudança radical de perspectiva do *semiótico* para o *semântico*: com o *signo* se tem o significado, em relação paradigmática de substituição, a realidade intrínseca da *língua*; com a *frase* se está no domínio do sintagma, da conexão, das coisas fora da *língua*, na referência à situação de discurso.

Vê-se nesse estudo de 1966 um desenvolvimento da proposta anterior, não mais partindo do método de análise, como em 1962, mas, principalmente, refletindo sobre o lugar que o *sentido* deve ocupar nos estudos da linguagem. Continua sendo afirmada a separação entre o sistema semiótico, da organização dos signos, e o sistema semântico, da língua em uso na comunicação, embora na base de tudo haja o *poder significante da língua*. Na discussão que se seguiu a essa conferência de Benveniste, transcrita após o artigo, à pergunta de Piguet sobre *como a semiótica e a semântica podem coexistir metodologicamente*, Benveniste responde que naquele momento ele considera vantajoso proceder por linguísticas separadas porque, desse modo, elas devem ser tratadas com mais rigor, mas que elas devem ser articuladas mais tarde.

No estudo de 1970, *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste parte mais uma vez da descrição linguística da *forma* que era feita em sua época, e coloca seu objetivo de estudar o *emprego da língua*, distinto do *emprego das formas*. O emprego da língua é um mecanismo relativo a toda a *língua* através da *enunciação*, da qual o discurso é uma manifestação. Mas o *discurso* não é a *fala* de Saussure, que Benveniste interpreta como sendo a produção do *enunciado*. A *enunciação*, adverte ele, é o ato de produzir o *enunciado*. A *língua* é o instrumento de que se utiliza o locutor para se enunciar e produzir *discurso*. Pela *enunciação*, a *língua* se converte em *discurso*.

A *enunciação*, definida em seu quadro formal, é um processo de *apropriação*: o locutor se apropria do *aparelho formal da língua* e se enuncia. O ato de apropriação estabelece o locutor em seu discurso. Nesse momento, 1970, diferentemente do que se lê nos artigos de 1962 e 1966, o foco temático de Benveniste deixa de ser a definição de um método de análise linguística. Embora tratando ainda do quadro formal, o linguísta aqui apresenta a *língua* como instrumento do qual o locutor se apropria e estabelece sua *enunciação*. Ao se apropriar do *aparelho formal*, o locutor refere e torna significantes as *palavras vazias da língua*, colocando-se na posição de locutor e instaurando o interlocutor, o espaço e o tempo em seu discurso. Pela noção de *enunciação* assim definida, Benveniste articula *forma e sentido*, e dá resposta à pergunta de Piguet, de 1966, sobre a coexistência metodológica do *semiótico* e do *semântico*.

Outra teoria enunciativa, entretanto, interessa a esta discussão: a de Oswald Ducrot sobre a argumentação.

3 Língua e fala na teoria da argumentação na língua

No Anexo do livro *Polifonía y argumentación* (1988), respondendo a perguntas, Oswald Ducrot declara que o princípio saussuriano que lhe foi mais útil e que fundamenta todo o seu trabalho é o da oposição *língua/fala*, e esclarece que entende *língua* como objeto teórico construído, e *fala* como conjunto de dados observáveis. Afirma que retirou de Saussure o ensinamento de que toda pesquisa que se queira científica ou séria deve definir com precisão qual é seu observável e distinguir claramente suas construções teóricas de suas observações empíricas. É assim que ele constrói hipóteses externas (que definem o fenômeno a observar) e hipóteses internas (que descrevem e explicam esse fenômeno).

Desse modo, coloca-se nos fundamentos da Teoria da Argumentação na Língua a oposição saussuriana *língua/fala*. Tendo como ponto de partida esses princípios, a teoria criada por Ducrot denomina *frase* a entidade linguística abstrata, teórica, uma sucessão de símbolos fora de qualquer situação de discurso, e *enunciado* o segmento de discurso, a ocorrência particular da *frase*, o fenômeno empírico, observável que não se repete. Do mesmo modo que *frase* e *enunciado* são distintos, os valores semânticos também o são: o da *frase* é a *significação*, e o do *enunciado* é o *sentido*, de natureza diferente da *significação*. A *significação* é constituída de *instruções* que apontam os indícios do que é necessário procurar no contexto para se chegar ao *sentido* do *enunciado*. Dentre essas *instruções*, interessam à Teoria as *variáveis argumentativas*. O pressuposto é o de que *a argumentação está na língua*, entendendo-se língua no sentido saussuriano do termo. Com base nesse pressuposto, o *enunciado* passa a ser a realização da argumentação contida na *língua*; é o *encadeamento*, composto de um *argumento* e de uma *conclusão*, articulados por um conector: *portanto* ou *no entanto*. *Língua* (constituída de relações observáveis por introspecção) e *fala* (os acontecimentos históricos, os atos de comunicação) são inseparáveis. O objeto teórico *língua* não pode ser construído sem que se faça alusão à atividade de *fala*.

Descrevendo a integração *língua/fala* em termos da Teoria da Enunciação de Benveniste, Ducrot (1978) esclarece que a *semiótica* não pode se construir sem incluir uma *semântica*. Em termos de pragmática e semântica, certos aspectos da pragmática devem ser integrados à semântica.

A relação *língua/fala* é reafirmada e ressignificada por Ducrot em artigo publicado no Brasil em 1997, no qual o autor busca resposta à questão da separação entre semântica e pragmática. Consi-

dera duas acepções gerais de pragmática. Pela primeira acepção, o sentido do discurso não é previsível a partir da estrutura lingüística, mas só pela situação do discurso. Essa é uma pragmática contextual. Em enunciados referenciais (como *O carro está na rua*), na definição de atos de fala (como *Você vai a Paris amanhã*), é realmente indispensável a busca do contexto para a especificação do sentido. Nesses casos – e essa é a posição de Ducrot (1997) – a estrutura lingüística não fornece o sentido, entretanto ela dá instruções sobre o que procurar no contexto e como fazê-lo. Assim, substituindo-se o artigo definido pelo indefinido (*O carro está na rua / Há um carro na rua*), a instrução para a busca no contexto muda. Em conclusão: o sentido só se constrói pelo contexto, mas essa construção é orientada pelo valor lingüístico da palavra a interpretar.

Em um segundo sentido, o termo *pragmática* concerne ao ato de enunciação realizado pelo locutor: sua atitude, o momento da fala, a relação entre o locutor e o interlocutor. É um exemplo o enunciado exclamativo, em que a enunciação é apresentada como efeito de uma experiência pessoal do locutor. Ao descrever a enunciação, descrevem-se as coisas, que são qualificadas pelo efeito que lhes é atribuído pelo locutor. Outro exemplo é a expressão *afinal de contas*, que liga a enunciação do segmento que a contém a uma razão para não fazer essa enunciação. É o caso de *Ele vai te ajudar, afinal de contas é teu pai*, em que *afinal de contas* aparece como indicando a posição do falante que busca ultrapassar um obstáculo que poderia desqualificar a enunciação (*é teu pai*), ou que tem reservas quanto a chamar essa pessoa de *pai*, ou hesita em utilizar a palavra *pai*. Então, conclui Ducrot, “a fala tem, entre suas funções, a de se pôr em cena a ela própria, de produzir, no momento em que se realiza, uma representação de sua própria realização”. Assim, “uma expressão é pragmática na medida em que serve para comentar o que se faz na fala” (1997, p. 13).

A pragmática é inseparável da lingüística, afirma Ducrot (1997), tanto no seu primeiro quanto no seu segundo sentido. E explica:

□ o primeiro sentido mostra que o pragmático é “o que as circunstâncias da enunciação acrescentam à significação estrita das palavras, mas esse acréscimo está inscrito em filigrana na própria estrutura lingüística” (p. 13). A estrutura lingüística indica que uma busca contextual é necessária, e dá instruções, que conduzem essa busca, sem as quais não se tem acesso ao contexto;

□ o segundo sentido aponta para o fato de que “as palavras da língua contêm como parte integrante de sua significação

dispositivos que permitem representar [...] o discurso [a enunciação] que as utiliza” (p. 14).

Portanto, a distinção saussuriana *língua/fala*, esclarece o autor (1997), separa dois centros de interesse: o interesse pela *diversidade dos efeitos produzidos* (análise de discursos) e o interesse pelo *valor permanente das palavras a partir das quais esses efeitos são produzidos* (lingüística). Mas, nenhum deles pode ignorar a enunciação. É a partir das palavras que a enunciação e seu contexto devem ser caracterizados, porque a escolha das palavras cria uma imagem da fala e essa imagem é pertinente para a compreensão do discurso. Então, o discurso constrói o contexto: este não preexiste ao discurso. O que preexiste – o contexto – é uma situação sem limites e sem estruturas. A palavra define os limites e os pontos de vista que tornam o contexto utilizável para a interpretação. Em consequência, semântica e pragmática não se separam, já que o estudo do contexto e da representação da enunciação são integrados ao sentido do enunciado. A relação semântica/pragmática tem sua origem na relação saussuriana *língua/fala*. Já a articulação entre esses conceitos decorre da Teoria da Argumentação na Língua.

O livro de autoria de Ducrot et al., publicado em 1980, intitulado *Les mots du discours*, aborda também a articulação *língua/fala*, embora sob outro ângulo. O objetivo é o de responder às seguintes perguntas que introduzem o capítulo inicial: a Lingüística pode ser útil à análise de textos? A análise de textos pode ser útil à Lingüística? Os estudos que compõem o livro respondem afirmativamente às duas perguntas. Assumem, além disso, que as duas respostas positivas estão ligadas uma à outra, isto é, a lingüística que pode servir à análise de textos é uma lingüística que se serve da análise de textos. Para apoiar sua tese, Ducrot afirma um princípio: o de que a atribuição de um valor semântico a uma frase (que é uma das tarefas da lingüística) não tem relação com a observação, mas com a explicação. A partir do valor semântico da palavra ou da frase chega-se ao sentido do enunciado em determinada situação de uso. Assim, o lingüista é levado a tomar a análise de textos (orais ou escritos, autênticos ou imaginários, mas contextualizados) como instrumento necessário.

Então, o autor argumenta a favor da estreita relação entre as noções saussurianas que, embora repensadas, redimensionadas, ampliadas e até mesmo modificadas, remetem aos conceitos de *língua* e *fala* da teoria saussuriana. Essa relação é demonstrada pela importância que assume a estrutura lingüística na construção, no contexto e na enunciação, do *sentido do enunciado*.

Para finalizar

Neste trabalho foram feitas algumas reflexões sobre o papel que assumem os conceitos saussurianos de *língua* e *fala* nas teorias semânticas de Émile Benveniste e de Oswald Ducrot. Quer-se agora finalizar este estudo, sintetizando o que foi anteriormente comentado com a intenção de verificar o papel desempenhado pelos conceitos de *língua* e *fala* nessas teorias enunciativas.

Acredita-se que Benveniste e Ducrot partem desses conceitos para fundamentar suas teorias, mas enraízam neles suas propostas de modos diferentes. Benveniste busca no conceito de *língua* como sistema de signos, quer dizer, na própria descrição dos níveis de análise da estrutura lingüística, a ancoragem para o *discurso*, onde a *língua se forma e se configura* (1962, p. 131). É assim que, pelo nível da frase se alcança a *língua* como comunicação, o *discurso*, a *linguagem*. O *discurso* não é o nível mais alto da *língua*, já que Benveniste afirma que, com a frase se deixa o domínio da *língua como sistema* e se entra no da *língua como instrumento de comunicação*, o que já faz supor que sejam dois domínios distintos, “dois universos diferentes” (p. 139), embora as duas lingüísticas terminem por se encontrar. Mesmo vendo-os separadamente em 1962, parece possível inferir do exposto neste artigo que é partindo da análise da *língua*, sistema de signos, que Benveniste chega ao *discurso*.

Evidentemente, com essa visão de linguagem se está longe de Saussure para quem o sistema da *língua* é o conjunto de convenções armazenado no cérebro dos falantes, o aspecto social da linguagem, e a *fala* é seu aspecto individual, ativo, sua utilização. Saussure opõe *língua* a *fala* e, por contraste, privilegia a *língua* para recortar o objeto da ciência lingüística. A perspectiva de Benveniste não é essa. Ele define *língua* como estrutura formal, vista internamente, e era assim que os lingüistas de seu tempo a estudavam. Mas seu ponto de partida é, nessa data (1962), o método de análise, por meio de níveis, nos quais ele introduz a noção de sentido, chegando, em decorrência, ao *discurso*. *Língua* e *discurso* não se aliam. Diferentemente de Saussure, a preocupação de Benveniste não é o estudo da *língua*, mas o do *sentido* e do *discurso*.

Em 1966, contrastando com a Lingüística dessa época, Benveniste está ainda mais voltado para o estudo do *sentido* na linguagem, para a *língua* como sistema significante. É o desenvolvimento da definição de *língua como sistema de signos* que o conduz na direção do esclarecimento do *sentido*. Tendo já definido em 1962 os domínios da *língua* e do *discurso* como distintos, o da *forma* e o do *sentido*, o do *semiótico* e o do *semântico* são suas novas propostas.

Mais uma vez não se pode aproximar esses conceitos aos de *língua* e *fala* de Saussure. A *língua*, na perspectiva de Benveniste, deixa de ser o conjunto de convenções compartilhadas de Saussure, para se tornar um sistema semiótico, organização de signos. Do mesmo modo, o conceito de *fala* como atualização da *língua*, excluído por Saussure do objeto de estudo da Lingüística pelo privilégio concedido à *língua*, inexistente na teoria de Benveniste. O centro de interesse é o *sentido*, o *discurso*. Mas *semiótico* e *semântico* continuam constituindo domínios separados.

O pleno desenvolvimento do estudo do *discurso* é de 1970, com *O aparelho formal da enunciação*. Sendo o ato de utilização do aparelho formal da *língua*, a *enunciação* se torna a colocação em funcionamento desse aparelho. Ao se *apropriar* do aparelho formal, o falante dá sentido, pela sua utilização no *discurso*, aos índices que, pela *enunciação*, se tornam próprios dele. Só no *discurso*, pelo ato de *enunciação*, se significam o *eu*, o *tu* e as marcas que especificam o *locutor* que, como centro de referência, instaura o *sentido* do *discurso*. Com esses conceitos, entende-se que Benveniste articula, não *língua* e *fala*, mas *forma* e *sentido*, ou melhor, pela *enunciação* associa *aparelho formal* e *sentido*.

A Teoria da Argumentação na Língua de Ducrot parece seguir mais de perto os conceitos saussurianos que opõem *língua* e *fala*, já que o interesse de ambos é a metodologia científica, em termos de definição de um objeto com possibilidade de constituir uma unidade e de ser classificável (para Saussure), e como conjunto de construções teóricas e como dados observáveis (para Ducrot). Mas Ducrot modifica e amplia os conceitos de *língua* e de *fala* a partir de outro ponto de vista: o da integração na frase da noção de *enunciação*, vista sob a forma de argumentação, e, conseqüentemente, da necessidade de desfazer a oposição entre os conceitos, articulando-os.

O viés enunciativo da Teoria da Argumentação na Língua está na interação entre *locutor* e *interlocutor*, centrando-se a análise no *enunciado* produzido como resultado da encenação entre os dois personagens e entre os *enunciadores*, pontos de vista argumentativos, em relação aos quais o *locutor* toma diferentes atitudes, transformando o *discurso* em permanente diálogo. Desse modo, todo *discurso* é polifônico, pois nele surgem sempre diferentes pontos de vista. Em conseqüência dessa característica do *discurso*, na frase, pela terminologia de Ducrot, está inscrita a argumentação. Essa reflexão leva a que se veja, na teoria de Ducrot, a *enunciação* como sendo argumentativa, como o jogo de enunciados argumentativos, compostos de *argumento* e *conclusão*, constituindo pelo *discurso* a

ação do locutor para seu interlocutor. Como teoria semântica, o *sentido* não preexiste ao *discurso*, já que só nele se constitui. Com isso, fica a *frase* praticamente esvaziada de semantismo, restando nela apenas *instruções* que orientam a busca do *sentido* no enunciado. Entende-se que as *instruções* conduzem à articulação entre *frase* e *enunciado*.

Finalmente, mesmo se nem Benveniste nem Ducrot retomam integralmente a oposição saussuriana entre *língua* e *fala*, esses conceitos, embora tenham sido reformulados, ampliados e sejam até, num certo sentido, divergentes em relação à teoria saussuriana, – se for correta a interpretação que aqui se apresenta – esses conceitos estariam nas raízes dessas teorias enunciativas.

Referências

- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale I*. Paris: Gallimard, 1966.
- . *Problèmes de linguistique générale II*. Paris: Gallimard, 1974.
- DUCROT, Oswald. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.
- . *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- . La pragmatique et l'étude sémantique de la langue. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, n. 107, mar 1997.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2000.